

## **SOLEINIDADE DE 7 DE SETEMBRO**

---

**NILSON VITAL NAVES**

*Ministro do Superior Tribunal de Justiça*

Estamos hoje reunidos para as comemorações do Dia da Independência, e, sem dúvida alguma, este momento me traz as melhores recordações dos tempos em que aqui vivi, da minha infância e adolescência, das palmeiras de Lavras e de seus eternos ipês, das escolas, do Aparecida dos meus estudos, da rua Umbela, do bondinho que ia e vinha pela rua Direita, levando e trazendo consigo nossos sonhos, pequenos e grandes. Também das cerimônias cívicas, entre as quais, imaginem, a do 7 de setembro, é evidente, quando, em procissão, saíamos pelas ruas, com músicas, em verdadeiro clima de festa, e não poderia ser diferente, sabem vocês por quê? Claro que havia aqueles interesses do coração, que o olhar não pode esconder, mas a razão daquela euforia era a consciência que tínhamos da nossa liberdade. Não se tratava apenas de um valor ensinado nos livros ou legado pela história, mas de um supremo ideal que sempre correu nas veias do povo mineiro, e creio não seja diferente hoje, pois entendo que, nem sequer por um momento, renunciamos àquela consciência e a este ideal.

O fato é que a minha época de Lavras, de muitas maneiras, ainda está bem perto de mim, porque nela aprendi que nossos passos são proporcionais às conquistas do passado. Noutras palavras, nada daquilo teria acontecido – nem estaria acontecendo agora, vejam – se não fosse o sonho por que lutaram muitos homens que viveram bem antes de nós.

Em boa verdade, antes mesmo de as margens do Ipiranga ouvirem o grito de independência em 7 de setembro de 1822, como dita a letra do Hino Nacional, a liberdade já havia sido pensada e sonhada por um mineiro – Tiradentes. Sim, Minas foi decisiva para o fortalecimento dos ideais libertários e para as mudanças que definiram os rumos tomados pelo país. O movimento dos inconformes denunciava um acontecimento inédito e incômodo para a mentalidade da época: o sonho que, por anos, aparecera no coração de alguns aflorava, agora, na consciência de muitos que se haviam acordado para dentro. Aliás, uma verdade que tais fatos pronunciam em alto e bom som é que nada há como o sonho para criar o futuro; noutras palavras, ninguém irá além do que enxergarem seus olhos. Por isso entendo, jovens, que hoje, talvez mais que ontem, precisamos sonhar, mas não é só isso, precisamos

sonhar, e ousar mais, e realizar mais! Afinal, “la vida es sueño, y los sueños, sueños son”.

A Inconfidência Mineira, conspiração que pretendia anular, de uma vez por todas, a dominação portuguesa, estourou em 1789, curiosamente no mesmo ano em que, do outro lado do mar, rompia a revolução francesa, movimento fundado nos princípios universais de liberdade, igualdade e fraternidade. Cá e lá, o imperativo era de mudança. Parece até que o mundo estava entrando numa consonância de valores: os ideais libertários soavam por toda parte. Acontece que, no Brasil, o líder da conjuração, Joaquim José Silva Xavier, foi preso. Depois, condenado à morte. Com seu sangue, lavraram a certidão de que estava cumprida a sentença; depois, declararam infame a sua memória. O inverso, porém, aconteceu, pois Tiradentes entrou para a história: suas idéias – e, é claro, as de quantos com ele comungavam – não foram reprimidas quando a Coroa portuguesa tentou destruí-lo usando da força e da violência. A propósito, cada gota de sangue que caía sobre a terra era como semente de determinação plantada no coração do brasileiro. A triste e ameaçadora imagem de um corpo espalhado em quatro cantos não fez calar a voz dos que profetizavam a independência do Brasil, nem os intimidou! Ao contrário, eles guardaram aquela fé mesmo parecendo não haver mais esperança. Sinto por esse passado um respeito profundo; por esses homens que não aceitaram o medo como conselheiro tenho reverência, devo-lhes minha gratidão.

O 21 de abril de 1792, portanto, não foi jamais um dia de derrota, pois “o sonho de liberdade não morreu, mesmo quando esquartejado”. Aliás, a frase “Libertas quae sera tamen” (liberdade ainda que tardia), inscrição proposta pelos inconfidentes para a bandeira da república que idealizaram e que acabou sendo a divisa da bandeira de Minas Gerais, é uma prova de que Tiradentes estava certo: o Brasil se tornaria independente, embora viesse a sê-lo somente mais tarde.

Em 7 de setembro de 1822, há exatamente 185 anos, D. Pedro I, um rapaz com menos de 24 anos e que começara a governar o país como regente aos 22, proclamava a nossa independência. Só dá para imaginar que esse jovem era um governante muito à frente do seu tempo – e, de fato, o era –, pois, antes, já afrontara os valores da escravidão, atitude que, à época, significava andar na contramão da história e do poder. Era preciso ter coragem para assumir idéias tão revolucionárias como as que ele assumiu. E ele as assumiu, pois sabia que o Brasil esperava dele atitudes que promovessem mudanças.

Alguém já disse ter sido ele o mais apaixonado dos brasileiros e o mais furioso antilusitano. Jurou, pelo seu sangue, pela sua honra e

pelo seu Deus, que faria a liberdade do Brasil. Seu grito de “independência ou morte” pôs fim a uma história de mais de trezentos anos de conspirações e insurreições, de mortes, ódios e rancores. E esse grande feito, repito, partiu de um jovem com menos de 24 anos, que se tornou o primeiro imperador do Brasil e que nos deu, pouco tempo depois, a primeira Constituição, normas que regeriam o país por mais de 65 anos. E, vejam, com tantas responsabilidades, ele ainda tinha tempo pra namorar! Acreditam?

Não poderia, aqui, deixar de fazer menção também a D. Pedro II, segundo e último imperador do Brasil. Seu reinado foi marcado por transformações de ordem social e econômica: durante 49 anos, o país viveu paz interna e progresso. Sua presença estava em todos os assuntos relacionados com ciência, tecnologia e educação. Como apreciador da literatura e das artes, incentivou a criação das escolas normais, dos liceus de artes e ofícios, dos conservatórios. Contribuiu bastante para a liberdade de imprensa. Pois vejam que, no reinado de D. Pedro II, não havia nem presos políticos nem censura à imprensa. Imputa-se a ele, portanto, a consolidação da soberania nacional. Só a rainha Vitória governou mais tempo que ele! E o mais interessante é que, por amar tanto o Brasil, ao partir para o exílio, após a proclamação da República, levou consigo um travesseiro de terra brasileira no qual, no derradeiro dia, apoiaria a cabeça.

Para nós, fica uma desafiadora, talvez desconfortável, pergunta: quem somos e o que temos feito? Exemplos como o de Tiradentes, o de D. Pedro I e o de D. Pedro II devem inspirar-nos, pois, a assumir, em nosso tempo, a luta pela verdadeira efetivação dos direitos humanos. Sem liberdade, não há igualdade possível, e, sem igualdade, não há efetiva liberdade.

As últimas décadas proporcionaram ao país a sensível valorização dos princípios democráticos que elevaram a dignidade da pessoa humana, pois o texto constitucional encontra sua razão e origem no homem e na sua liberdade. Daí, posso afirmar, e o faço com toda a convicção, que liberdade envolve, de forma objetiva, o próprio conceito de democracia. E aqui gostaria de lembrar que tal conceito não pode ser reduzido a uma simples idéia majoritária, isto é, àquele velho pensamento de que vence a maioria. Democracia significa muito mais: denota, também, participação, tolerância, liberdade.

Escreveu um dos melhores historiadores dos tempos passados e dos tempos atuais que a democracia é uma plantinha tenra, cabendo a nós regá-la sempre e sempre, diariamente. Caso nos esqueçamos desse dever, ela, entre nós, só existirá, já advertia Rui Barbosa, apenas nominalmente. Isso significa dizer que depende principalmente de nós a construção de uma sociedade livre, justa e

solidária. Sim, depende de nós a erradicação da pobreza e da miséria, a redução das desigualdades sociais e regionais, a efetivação do direito à saúde, à moradia, ao salário digno. É nossa a responsabilidade pelas decisões coletivas que atingirão a vida da nossa comunidade. A igualdade, portanto, é algo que se constrói com a participação ativa e efetiva de todos. Esse é, sem dúvida, o desafio dos nossos tempos.

Volto, então, a perguntar: quem somos e o que temos feito? Precisamos dar continuidade à história da nossa independência, e essa grande missão, irrenunciável, diria eu, devemos exercer colocando tudo quanto somos no mínimo que fazemos. Foi uma mentalidade assim que nos garantiu glória no passado e que nos assegurará paz no futuro!

Palavras proferidas na solenidade de comemoração do Dia da Independência. Lavras, dia 07/09/2007.